

É SÓ MIMIMI? DISPUTAS METAPRAGMÁTICAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS ONLINE¹

IS IT ONLY MIMIMI? METAPRAGMATIC DISPUTES IN ONLINE PUBLIC SPACES

Joana Plaza Pinto²

RESUMO: Este artigo visa evidenciar o status central da metalinguagem no funcionamento da linguagem como ação social, discutindo as metapragmáticas na vida cotidiana. Para isso, atividades linguísticas em espaços públicos online submetidas a disputas metapragmáticas e de enquadre são analisadas como evidências da centralidade metalinguística cotidiana. Tais atividades são uma prática heterogênea nominalizada como “mimimi” e seu objetivo central é deslegitimar um ato de fala prévio ou potencial, buscando controlar o futuro enquadre de avaliação metapragmática ou projetá-lo como ilegítimo desde antes de sua realização. **Palavras-chave:** Metalinguagem. Metapragmática. Enquadre. Espaço público. Virtual.

ABSTRACT: This article aims to evidence the central status of metalanguage in the functioning of language as social action, discussing the metapragmatics in everyday life. For this, linguistic activities in online public spaces submitted to metapragmatic disputes and framing are analyzed as evidence of the everyday metalinguistic centrality. Such activities are a heterogeneous practice nominalized as “mimimi”, and its central goal is to delegitimize a prior or potential speech act, in seeking to control the future framework of metapragmatic evaluation or to design it as illegitimate prior to its realization. **Keywords:** Metalanguage. Metapragmatics. Framing. Public Space. Virtual.

Introdução

Quando, ainda no século XIX, a Pragmática começou a ser utilizada para definir uma área de estudos da linguagem, estabeleceu-se que deveríamos começar a nos preocupar com como os signos se relacionam com seus usuários. Mas a centralidade de visões representacionistas da

¹ Artigo recebido em 23/02/2019 e aceito em 17/06/2019.

² Doutora em Linguística pela Unicamp; professora associada da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil; pesquisadora PQ-2 do CNPq. E-mail: joplazapinto@ufg.br. Agradeço ao CNPq pelo apoio, na forma de bolsa e de auxílio, à pesquisa que deu origem a este texto.



linguagem – em suas diversas versões herdadas e remodeladas na Modernidade – impactou nossas preocupações neste campo e permanecemos focada(o)s em como a linguagem se liga ao mundo, muito preocupada(o)s em identificar os elementos que supostamente ajudariam na ligação entre palavras, coisas e mentes (RORTY, 1994). Afinal de contas, nós falamos para representar nossos pensamentos, apontar coisas no mundo, expressar nossos sentimentos, tudo para que outras pessoas saibam o que pensamos, queremos, sentimos. Certo?

Talvez. Uma parte significativa do nosso mundo languageiro tem a ver com apontar coisas no mundo, nos conectar com o mundo, num movimento entendido como de dentro (do indivíduo, da cultura etc.) para fora (mundo, natureza etc.). Mas já sabemos que esses são apenas alguns dos jogos que a linguagem pode fazer (WITTGENSTEIN, 1995). Pouca atenção foi dada, ao longo dessa história da Pragmática, a como avaliamos esses jogos e suas regras, não como especialistas, mas como leigos no uso diário. Não é à toa que isso resultou num distanciamento – em menor ou maior grau a depender do momento da história e do local do mundo – entre leigos e linguistas (RAJAGOPALAN, 2003). Além desse distanciamento, a falta de atenção às avaliações e julgamentos, ou seja, às mais diversas formas como explicamos e justificamos as falas de outrem e as nossas próprias, resultou no mal direcionamento de abordagens de alguns problemas de linguagem.

Um dos problemas mal direcionados foi a metalinguagem. Transformada em uma situação à parte da linguagem, uma das suas “funções”, a metalinguagem ganhou status separado dos demais problemas linguísticos e sua característica estrutural foi muitas vezes enfraquecida nas análises.

Este texto visa evidenciar o status central da metalinguagem no funcionamento da linguagem como ação social, seguindo a linha de interesse proposta por Silverstein (1979, 1992, 1993, 2003), Povinelli (2016) e Signorini (2002) a respeito das metapragmáticas na vida cotidiana, além de outras referências fundamentadas nessa linha. Esta tentativa de estabelecer evidências da centralidade metalinguística cotidiana é decorrente do meu foco em atividades linguísticas em espaços públicos online submetidas a disputas de enquadre, e, por isso, também o trabalho de Goffman (1974) precisa ser incorporado para estabelecer os contornos dessas atividades.



As atividades a que me refiro podem ser condensadas como uma prática heterogênea cujo objetivo central é deslegitimar um ato de fala prévio ou potencial – buscando controlar o futuro enquadre de avaliação metapragmática ou projetá-lo desde antes de sua realização como ilegítimo. Essa prática está associada nos espaços públicos online a uma nominalização: “mimimi”.

Em reportagem sobre os supostos criadores do termo, uma revista digital afirma que “o termo, que remete ao choro, é normalmente usado na tentativa de diminuir a manifestação de ideias de uma pessoa” (REVISTA FÓRUM, 2017, s/p). A definição poderia ser facilmente substituída por “diminuir o ato de fala de uma pessoa”, se não aceitamos o mentalismo internalista da expressão “manifestação de ideias”. Como um recurso semiótico sintético, a expressão é bastante produtiva no espaço público online, combinada com outros recursos semióticos condensados, como imagens em memes e frases estereotipadas. Um tweet comum afirma “É muito mimimi! Tanta coisa importante para falar! Afff”, o que pode ser parafraseado por “é muita fala desimportante, não prestem atenção”. Os textos utilizados aqui foram retirados de redes sociais, espaços públicos online, e não são apresentados com fonte completa para garantir o anonimato das postagens públicas. Essa desidentificação não afeta a análise aqui proposta, pois meu foco é o caráter exemplar dos textos nas circulações incluídas nas nossas dinâmicas diárias. Como explica Silva (2015, p. 161):

Dizer que um discurso circula é dizer que certos dispositivos pragmáticos de uma linguagem natural foram empregados para mover sinais de um ambiente interativo particular para outro, e dizer que alguma arregimentação, enquadramento ou imaginação dessa trajetória estava simultaneamente em jogo³.

Os textos aqui são exemplares de circulações específicas⁴, mas facilmente reconhecidas neste local e momento histórico. A Figura 1, um print do rosto encrespado de um conhecido personagem rude e implicante da série

³ Todas as traduções de textos originais foram feitas pela autora para fins exclusivos desta publicação. No original: “To say that discourse circulates is both to say that certain pragmatic devices of a natural language were deployed in moving signs from one particular interactive setting to another, and to say that some regimentation, framing or imagination of that trajectory was simultaneously at play.”

⁴ Em Pinto (2015), construí uma análise mais detalhada de camadas de trajetórias textuais em uma das circulações aqui mencionadas, especificamente a circulação do racismo brasileiro.



estadunidense *Full House* (*Três é Demais*, no Brasil), serve de exemplo por ser um dos mais populares recursos semióticos que se espalharam nas redes sociais para gerar memes de “mimimi” (Figura 2), com seu auge em 2016.

Figura 1: Imagem disponível para gerar memes “mimimi”



Fonte: Imgflip. Disponível em: <https://imgflip.com/memegenerator/83549294/mimimi> (2018).

Figura 2 – Exemplo de meme criado a partir da Figura 1⁵



Fonte: Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sai-do-serio/ta-bombando/veja-como-esta-o-garoto-do-meme-porque-voce-nao-amadurece> (2018).

⁵ Essa e todas as outras imagens deste artigo, relativas a postagens em redes sociais, foram editadas para a desidentificação da autoria.



Não só este print da Figura 1 foi utilizado para gerar memes “mimimi”. Muitos outros podem ser encontrados em geradores virtuais de memes com a simples digitação da expressão “mimimi”. Mas memes foram apenas uma parte de tudo que foi produzido com a expressão “mimimi”. A heterogeneidade da prática em questão precisa ser explorada num quadro mais amplo de disputa de enquadres metapragmáticos no espaço público *online*.

Para explorar essa problemática, vou apresentar algumas ideias sobre metapragmáticas da vida cotidiana, relacionar tais ideias com o conceito de enquadre de Goffman como uma saída para entender o problema, ao mesmo tempo em que mostrarei como essas ideias podem ser úteis para entendermos a constituição de disputas metapragmáticas em espaços públicos online.

Pragmática, metapragmática e enquadre

A Pragmática, como área de estudos, tem sido bastante associada à noção de contexto (PINTO, 2012). Sendo uma noção teórica muito fraca, com um amplo espectro de usos os mais diversos, contexto é também uma cartada e um blefe de muitas teorias da linguagem. Como bem observaram vários textos críticos (BLOMMAERT, 2008; FERREIRA, ALENCAR, 2014; RAJAGOPALAN, 2014), muitas vezes contexto é apenas o pano de fundo que justifica certa análise; outras vezes é uma noção fluida, que serve para separar áreas da Linguística em níveis de envolvimento com o chamado “extralinguístico”; ou ainda é uma autorização para encerrar uma análise.

Para pensar o contexto de outra forma, buscando as conexões entre atos de fala microlocalizados e macroestruturas discursivas dinâmicas, Blommaert (2008) sugere prestarmos atenção, na análise de cada caso, aos recursos linguísticos, às trajetórias dos textos e à história dos dados gerados para análise como parte daquilo que devemos chamar de “contexto”. Para isso, é importante dar destaque à metapragmática como recurso fundamental para direcionar o movimento de um ato de fala em “contextos” específicos (trajetórias textuais). As metapragmáticas funcionam como âncoras interpretativas que utilizamos para “reduzir”, “ampliar”, “apontar”, “precisar” tal “contexto”.

A definição de metapragmática, escrutinada em outros termos nos trabalhos prévios de Jakobson (CATON, 1987) e, mais tarde, consolidada na



obra de Silverstein (1979, 1992, 1993, 2003), já expande em muito uma única versão. As metapragmáticas envolvem muitos elementos em diferentes debates e interesses, do qual tenho me ocupado em boa parte da minha pesquisa recente (PINTO, 2014, 2017, 2018a, 2018b; PINTO, AMARAL, 2016), assim como outras pesquisas no Brasil (só para citar algumas, GONZALEZ, LOPES, 2018; LOPES, FABRÍCIO, 2018; SIGNORINI, 2008; SILVA, 2014).

Para começar o debate, pode-se afirmar que metapragmáticas são racionalizações sobre o uso da linguagem, inseridas em sistemas locais de interação, e relacionadas às formas metalinguísticas que permitem referenciar e predicar a própria linguagem. Nas interações, podemos acionar um enquadre metapragmático, usando construções que transformam categorias linguísticas em formas indexicais com valores próprios. Essa transformação constitui uma metapragmática reflexivamente calibrada, ou seja, uma tentativa de controle de interpretação de uma fala determinada em sua realização ou sua resposta.

O acionamento de um enquadre é, para Goffman (1974), o acionamento dos princípios de organização que governam os eventos sociais e nossa participação subjetiva neles. Essa definição reconhecida de enquadre não é suficiente para o que quero explorar. Preciso retomar um dos modos como enquadre aparece na obra do autor. Goffman (1974) usa uma metáfora que me parece muito frutífera aqui: enquadre é aquele recurso que coloca limites ao nosso “campo visual” interpretativo, referenciado em valorizações culturais, em outras palavras, nas bases ideológicas do acesso ao significado.

Falantes orientam suas falas ou disputam a orientação das falas com as quais interagem, usando tanto formas linguísticas conhecidas quanto outros recursos localmente relevantes, de tal maneira a “restringir” ou “ampliar” sua “visão” do significado em construção, uma limitação estruturalmente mandatária. Expressões como “o que você quis dizer com isso?”, “você está querendo me ameaçar?”, “não dá pra levar a sério o que você está falando”, “o que você quis dizer é...”, “você só sabe reclamar”, “é tão interessante isso que você disse”, “seu sotaque é tão bonito”, “você está falando de que?”, “isto é só mimimi” são todas fórmulas metapragmáticas variadas para organizar o “contexto” de interpretação do que se acaba de ouvir. Essa orientação metapragmática pode alcançar uma medida tanto para a identificação de um contexto pressuposto – “você está falando de que?” – quanto para a projeção de um contexto potencial – “Lá vem o mimimi!”.



O que significa a metapragmática enquadrar formas indexicais valoradas? Significa que essa metapragmática constitui a contextualização determinada para processos indexicais específicos, “pressupostos como compartilhados de acordo com posições ou perspectivas interessadas que seguem algum fato social, como filiação a um grupo, condição em sociedade, comunalidade adquirida de interesses etc.”⁶ (SILVERSTEIN, 1992, p. 315). Essa estrutura é ideológica na medida em que a metapragmática, como fator de mediação, coordena os pressupostos e implicações pragmáticas a serem aplicadas a um ato de fala específico.

A observação de um salto de uma trajetória textual pode nos ajudar a ter uma ideia desse funcionamento: uma frase como “estudantes LGBT devem receber acolhimento nas escolas” tem sido reenquadrada como “as escolas querem que seu filho vire gay”, a depender da circulação promovida por metapragmáticas que movimentam a primeira frase, levando-a do campo da “orientação educacional” para a vagueza de uma afirmação de “pânico moral”. A circulação da trajetória desses textos mereceria uma genealogia, ainda a ser realizada.

Essa observação geral fica mais evidente quando fazemos análise da expressão “mimimi” em atos de fala específicos, nosso foco de interesse neste texto. Como exemplo, destaco a Figura 3. Nela, a expressão “mimimi” funciona como uma dessas construções que enquadram os potenciais atos de fala de uma pessoa pública e indiciam como devem ser interpretados – associada a uma “humilhação”, “choro”, “resto”.

Figura 3 – Meme “Gleisi após Lula humilhado”



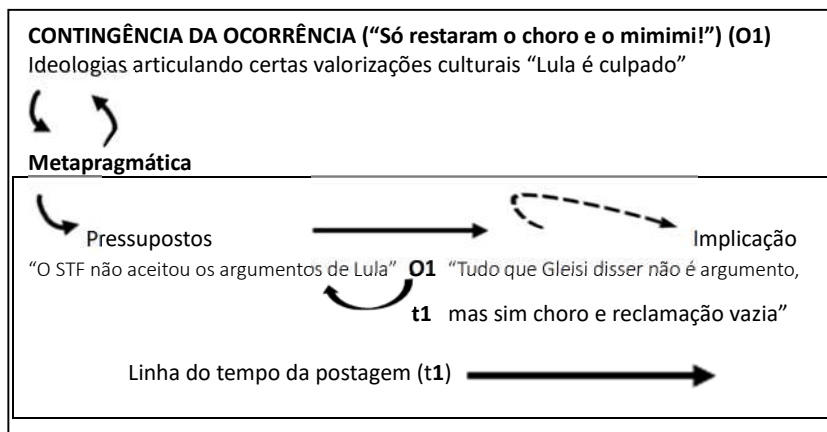
Fonte: Disponível na internetem variadas postagens públicas em redes sociais (2018).

⁶ No original: “presupposable as shared according to interested positions or perspectives that follow upon some social fact like group membership, condition in society, achieved commonality of interests, etc.”



Para visualizar os processos indexicais em jogo no meme, apresento a seguir um esquema mais simplificado adaptado de uma figura esquemática de Silverstein (2003, p. 195) com os elementos presentes na Figura 3:

Figura 4 – Esquema microcontextual da indexicalidade da Figura 3



Fonte: Silverstein (2003, p. 195), adaptado pela autora (2019)

Assim, a ideologia de que “Lula é culpado”, articulada a valores culturais anti-petistas construídos desde muito antes dos anos de governo do Partido dos Trabalhadores, alimenta e é alimentado (setas em mão dupla) pela metapragmática da Ocorrência 1 (O1) da expressão “é só mimimi” presente no meme, que pressupõe seu passado (“O STF não aceitou os argumentos de Lula”) e encadeia seu futuro (“Tudo que Gleisi disse não é argumento, mas sim choro e reclamação vazia”), constituindo um enquadre metapragmático para se interpretar não apenas alguma fala específica da presidenta do partido, mas qualquer fala futura sobre a “humilhação de Lula no STF” – dela e potencialmente de qualquer outra pessoa que integre ou apoie o partido – como atos de fala sem argumentos.

Mais mimimi?

As metapragmáticas não se limitam a constituir ideologias de forma explícita, como evidenciada na Figura 3. Como argumenta Silverstein (1993), as formas metapragmáticas explícitas moldam, em diferentes graus e tipos, a pragmática através da denotação da linguagem, enunciando o que estão



fazendo, enquanto as formas implícitas não dependem da denotação, pois oferecem as condições implícitas e subjetivas para que sejamos sujeitos marcados por diferenças mais ou menos naturalizadas nas interações ordinárias.

Ao analisar as condições metapragmáticas para a constituição de gênero e sexualidade, Povinelli (2016) nos ajuda a entender um pouco mais sobre o problema. Seguindo seus argumentos, notamos que é pouco afirmar que metapragmáticas são discursos ou fórmulas sobre o uso da língua, pois, estando local e historicamente circunscritas, as metapragmáticas tratam também das “regras específicas da etiqueta linguística” (POVINELLI, 2016, p. 211), caracterizando as formas linguísticas e suas regras de aplicação como sustentáveis ou não, apropriadas ou não, com sucesso ou fracasso. Significa não apenas construir um enquadre como condições de interpretabilidade – “argumentos contra a prisão de Lula são vazios” – mas também um enquadre sobre as posições do sujeito que fala, uma ligação indexical entre tal sujeito e seu lugar na vida social sob debate – “quem defende o Lula é comunista, contra o Brasil etc.”

Essa definição mais “íntima” de metapragmática é perfeitamente pertinente para a noção de ordenação indexical de Silverstein (2003), com o adendo de que enfatiza o que está impregnado em nossa pragmática cotidiana como um processo subjetivante de constituição de coerência e êxito nas interações cotidianas. Povinelli (2016, p. 211-212) explica:

A função metapragmática ordena o curso da função pragmática da linguagem para produzir textos coerentes e interpretáveis e eventos interlocutórios de qualquer tipo, de tal maneira que eles constituam um evento de comunicação com êxito ou falha. Por exemplo, a função metapragmática compreende os meios pelos quais locutores/as, de maneira inconsciente na maior parte do tempo, incorporam aos seus atos de interlocução diversas classes ou diversos registros de gênero de maneira a lhes conferir a coesão de textos interpretáveis (isto é, coerentes). A função metapragmática é o que dá às locutoras e locutores os meios para construir a partir de atos pragmáticos de fenômenos textuais de uma ordem acima (gêneros, enquadres, conversações). Enquanto na sua função pragmática a palavra “ela” encadeia e pressupõe um contexto, na sua função metapragmática “ela” indica um ato de interlocução, aqui, agora, e ao fazer isso a harmoniza (a articula) a um contexto externo e ao



progresso de um texto interno. A função metapragmática é, portanto, decisiva no que diz respeito à maneira pela qual fenômenos textuais e interlocutórios (o que inclui os indivíduos, seu gênero, sua cultura) tornam-se coerentes, duráveis e aparentemente destacáveis de seus contextos locais.

É útil salientar, neste trecho, o elemento inconsciente da maior parte da nossa metapragmática cotidiana. Nesse sentido, a autora está explorando a metapragmática como uma função e não como uma forma metalinguística previamente estabelecida no sistema linguístico. Com algum cuidado, posso especular que, em alguma medida, qualquer forma linguística pode exercer função metapragmática. Formas linguísticas são usadas de maneira automatizada, naturalizada, não planejada, para garantir a coerência entre o uso de uma forma, como um pronome pessoal “ela”, e o objeto referenciado pela forma, como um corpo que é apontado por tal pronome. Mas as formas linguísticas estão também em competição e parte da função metapragmática é resolver as competições entre formas limitando o enquadre de seus usos localizados. É assim que a decisão sobre usar “ela” para se referir a um corpo com pênis se estabelece em competição com os enquadres limitados para o uso de “ela” para se referir a um corpo com vagina. Essa tensão entre usos competitivos coloca em evidência a função metapragmática do pronome e pode fazer explicitar a disputa de coerências em frases explicitamente metapragmáticas como “mas eu devo dizer ‘ela’ ou ‘ele’?”.

Essa tensão é parte do encontro inevitável entre grupos sociais e conflitos de interesses local e historicamente constituídos. Nesse encontro, fica evidenciado aquilo que Signorini (2002, p. 121) observou sobre as metapragmáticas cotidianas: os recursos metapragmáticos das línguas (dos mais explícitos aos mais funcionais) “são conhecidos e interpretados diferentemente em função das redes sociais em que transita o falante, o que faz com que não componham sempre da mesma forma os processos locais de regulação/desregulamentação linguística”. É certo que a inteligibilidade hegemônica de usos linguísticos leva a enquadres naturalizados que (des)legitimam tais usos, mas não os unificam ou padronizam, muito menos garantem sua continuidade homogênea ao longo do tempo.

É por isso que os processos de deslegitimação constituídos para um certo grupo social por formas metapragmáticas como a expressão “mimimi”



não vão resultar em um único enquadre negativo para as falas deslegitimadas, mas em dinâmicas heterogêneas de disputas metapragmáticas. Além disso, tais disputas se articulam com as trajetórias de entendimentos, agências e afetos (SILVA, FACINA, LOPES, 2015, p. 176) envolvidas em cada movimento dos atos de fala sob escrutínio.

Um caso exemplar dessas disputas no Brasil é o (des/re)conhecimento do racismo cotidiano. A expressão “mimimi” tem sido usada com frequência em espaços públicos online para relatar “o que aconteceu” em um evento determinado identificado como racista.

Antes de detalhar essa disputa metapragmática, é fundamental explicitar que o racismo à brasileira é aquele que tem sido constituído pela integração subordinada e a “cordialidade racial”, “fruto de regras de sociabilidade que estabelecem uma *reciprocidade assimétrica* que, uma vez rompida, justifica a ‘suspensão’ do trato amistoso e a adoção de práticas violentas” (SALES JR., 2006, p. 230). Assim, a regra do racismo nacional tem sido o silêncio sobre sua própria existência, especialmente desde a Era Vargas, quando o Estado tratou de efetivar tais políticas de integração nacional. Esse silêncio só é legítimo enquanto sustentação dos atos racistas considerados como “piadas”. Atos de fala racistas têm sido, assim, inseridos no enquadre de “brincadeiras”, um ajuste metapragmático para as respostas possíveis a tais atos – riso, cumplicidade etc. A ruptura deste enquadre tem sido construída a muito custo por mulheres e homens que sustentam outros enquadres para tais “piadas”, especialmente no reconhecimento das “formas hegemônicas em que se apresenta a discriminação racial: o estereótipo racial e o não-dito racista” (SALES JR, 2006, p. 231). As duas estruturas metapragmáticas básicas que instituíram o racismo nacional – a etiqueta linguística do silêncio e o enquadre hegemônico da “brincadeira” – têm sido expostas há muitas décadas a todo tipo de escrutínio e contestação. As novas tecnologias de comunicação potencializaram exponencialmente tais contestações e expuseram todos os traços dessa perversa ideologia racial, incluindo a recursividade das metapragmáticas para a manutenção dos enquadres hegemônicos.

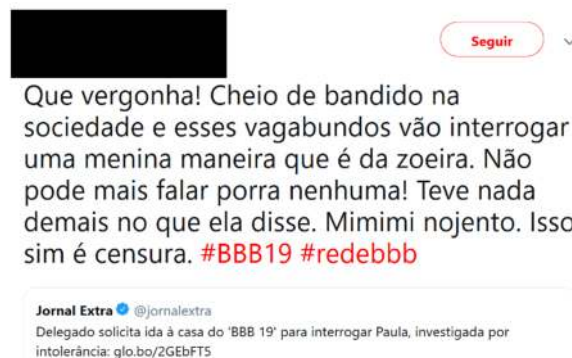
Em resposta à quebra da etiqueta linguística do silêncio, muitos racistas brasileiros utiliza(ra)m a expressão “mimimi” para constituir um novo patamar de deslegitimação das demandas antirracistas. Um certo representante deste grupo, por exemplo, defende que “mimimi é o que todo



mundo hoje [2016] faz porque se ofende fácil e exige algo em troca. Mimimi é derivado do ressentimento.”. Quando a etiqueta linguística do silêncio é rompida no racismo nacional, o novo enquadre de interpretação é atribuir às vítimas do racismo a responsabilidade pelo próprio ato que fere (BUTLER, 1997) – “facilidade em se ofender”, ou seja, “mimimi”. A expressão, no contexto dessa ideologia racista, pressupõe a inocuidade do ato de fala e implica a deslegitimação da resposta, como no tweet de um outro representante de racistas brasileiros: “A cor de pele do dono do estabelecimento a mim não interessa e sim interessa a qualidade e preço o resto é mimimi”.

Os textos que utilizam esta expressão metapragmática para reestabelecer o enquadre restrito do racismo nacional se proliferam *ad nauseam*. Enquanto eu escrevia este artigo, vários textos cruzaram inadvertidamente meu caminho, dificultando mesmo a obrigatoriedade de seleção analítica. Mas um texto bem recente, surgido nos últimos minutos em que finalizava este artigo, não pode ficar de fora:

Figura 5 – Tweet sobre investigação de racismo no BBB19



Fonte: Disponível na internet Tweet público (2019)

Neste tweet bastante recente, todos os elementos da disputa metapragmática estão explicitados: a etiqueta do silêncio ainda atua limitando o uso de “intolerância” no lugar de “racismo”⁷, o enquadre da “zoeira” para o ato de fala racista, e o “mimimi nojento” como síntese metapragmática para a resposta “desproporcional” à “zoeira”. Todos os

⁷ O caso em questão, sendo muito recente, não será detalhadamente analisado aqui, mas está sendo investigado como “intolerância religiosa”, sendo a religião em questão de matriz afro-brasileira.



elementos confrontam a legitimidade da acusação contra a “menina”, retomando o enquadre da “brincadeira” como pressuposto das falas racistas brasileiras e exigindo a etiqueta do silêncio como acarretamento dessas falas. Essa semiótica microcontextual do racismo brasileiro nos espaços públicos online, cercada por vários usos de “mimimi”, ameaça atos de fala antirracistas com uma metapragmática da deslegitimação, aquele tipo que duplica o sofrimento das vítimas do racismo ao restringir o alcance de sua resposta.

Escrutinando o “mimimi”

O “mimimi”, como um tipo de enquadre metapragmático, não se limita a deslegitimar atos de fala sobre pautas específicas. Uma das estratégias de sua profusão mostra seu potencial tornando vaga sua atribuição. Um texto apócrifo online fala em “geração mimimi”, supostamente um grupo geracional inteiro – nascido nas décadas de 1980 e 1990 – que não saberiam produzir nada, “só reclamar sem resultados”. Coincidência que seja o grupo geracional que se beneficiou de resultados de lutas antirracistas anteriores, como mais oportunidades de cotas em ensino superior e multiplicação de espaços de luta antirracista? A vagueza dessa atribuição – “geração mimimi” – é construída para uma desidentificação. Quem quer ser uma geração sem resultados?

Ao seguir a expressão “mimimi” e sua função metapragmática deslegitimadora, pude notar como sua emergência é a marca histórica de disputas metapragmáticas empurradas para enquadres que limitam nossa visão de problemas sociais muito mais amplos. Essa articulação entre metapragmáticas explícitas, função metapragmática e enquadre é um conjunto poderoso de ordenação dos significados pragmáticos. O nosso compromisso deve ser com o desmonte da perversidade do uso deste conjunto para a deslegitimação de falas emancipatórias com demandas igualitárias e libertadoras.

Além disso, o estudo das metapragmáticas da vida cotidiana, especialmente em espaços públicos de circulação, pode nos levar a entender melhor a centralidade da metalinguagem na construção do significado e ampliar nossa visão do que é “contexto” em Pragmática, ampliando os jogos de linguagem que somos capazes de reconhecer e rompendo de vez com os restos de representacionalismo em nossas análises.



Referências

- BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Situar a linguagem**. 2008. p. 91-115.
- BUTLER, J. **Excitable speech. A politics of performative**. New York: Routledge, 1997.
- CATON, S. C. Contributions of Roman Jakobson. **Annual Review of Anthropology**, v. 16, p. 223-20, 1987.
- FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. Contexto: problemáticas *ad infinitum*. In: SILVA, Daniel et al (org.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 190-204.
- GOFFMAN, E.. **Frame Analysis: an essay on the organization of the experience**. New York: Harper & Row, 1974.
- GONZALEZ, C.; MOITA LOPES, L. P. Reflexividade metapragmática sobre o cinema de Almodóvar numa interação online: indexicalidade, escalas e entextualização. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 57, n. 2, p. 1102-1136, ago. 2018.
- MOITA LOPES, L. P.; FABRICIO, B. F. Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais. **Linguagem em (dis)curso**, v. 18, n. 3, p. 769-784, dez. 2018.
- PINTO, J. P. Contradições e Hierarquias nas Ideologias Linguísticas do Conselho Nacional de Imigração. **Domínios de Lingu@Gem**, v. 8, p. 108-134, 2014.
- _____. Corpo como contexto-de-ocorrência de metapragmáticas sobre o português em socializações de estudantes migrantes para o Brasil. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 18, n. 3, p. 751-768, dez. 2018a.
- _____. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na Linguística Aplicada. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 199-221, 2015.
- _____. Ideologias linguísticas e a instituição de hierarquias raciais. **Revista ABPN**, v. 10, p. 704-720, 2018b.
- _____. On languages, bodies and epistemic violence. In: SILVA, Daniel N. (Org.). **Language and Violence: Pragmatic perspectives**. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 171-188.
- _____. Pragmática – versão revista e ampliada. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2012, v. 2, p. 55-79.



_____.; AMARAL, D. Corpos em trânsito e trajetórias textuais. **Revista da ANPOLL**, v. 1, p. 151-164, 2016.

POVINELLI, E. Pragmáticas íntimas: linguagem, subjetividade e gênero. Trad.: Joana Plaza Pinto. **Revista de Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 205-237, 2016.

RAJAGOPALAN, K. A “dadidade” dos ditos dados na/da Pragmática. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico**. v. 2. Campinas: Mercado das Letras, 2014. p. 67-103.

_____. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REVISTA FÓRUM. **Criadores do “mimimi” criticam mau uso do termo**. 07 out. 2017. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/criadores-do-mimimi-criticam-mau-uso-do-termo/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Tradução: Antônio Trânsito. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

SALER JR. R. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social**, v. 18, n. 2, p. 229-258, 2006.

SIGNORINI, I. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola, 2008.p. 117-147.

_____. Por uma teoria da desregulamentação linguística. BAGNO, Marcos. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 93-125.

SILVA, D. N. Introduction: The pragmatics of discourse circulation. **Pragmatics and Society**, v. 6, n. 2, p. 161-174, 2015.

_____. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 14, p. 67-84, 2014.

_____.; FACINA, Adriana; LOPES, Adriana. Complex territories, complex circulations: the ‘pacification’ of *Complexo do Alemão* in Rio de Janeiro. **Pragmatics and Society**, v. 6, n. 2, p. 175-196, 2015.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, n. 23, p. 193-229, 2003.

_____. Language Structure and Linguistic Ideology. In: CLYNE, P. R.; HANKS, W. F.; HOFBAUER, C. L. (Ed.). **The Elements: a Parasession on Linguistic Units and Levels**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979. p. 193-247.



_____. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, John (Ed.). **Reflexive language, reported speech and metapragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 33-58.

_____. The uses and utility of ideology: some reflections. **Pragmatics**, v. 2, n. 3, p. 311-323, 1992.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. 2. ed. Trad. Lourenço M. S. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 157-205.

